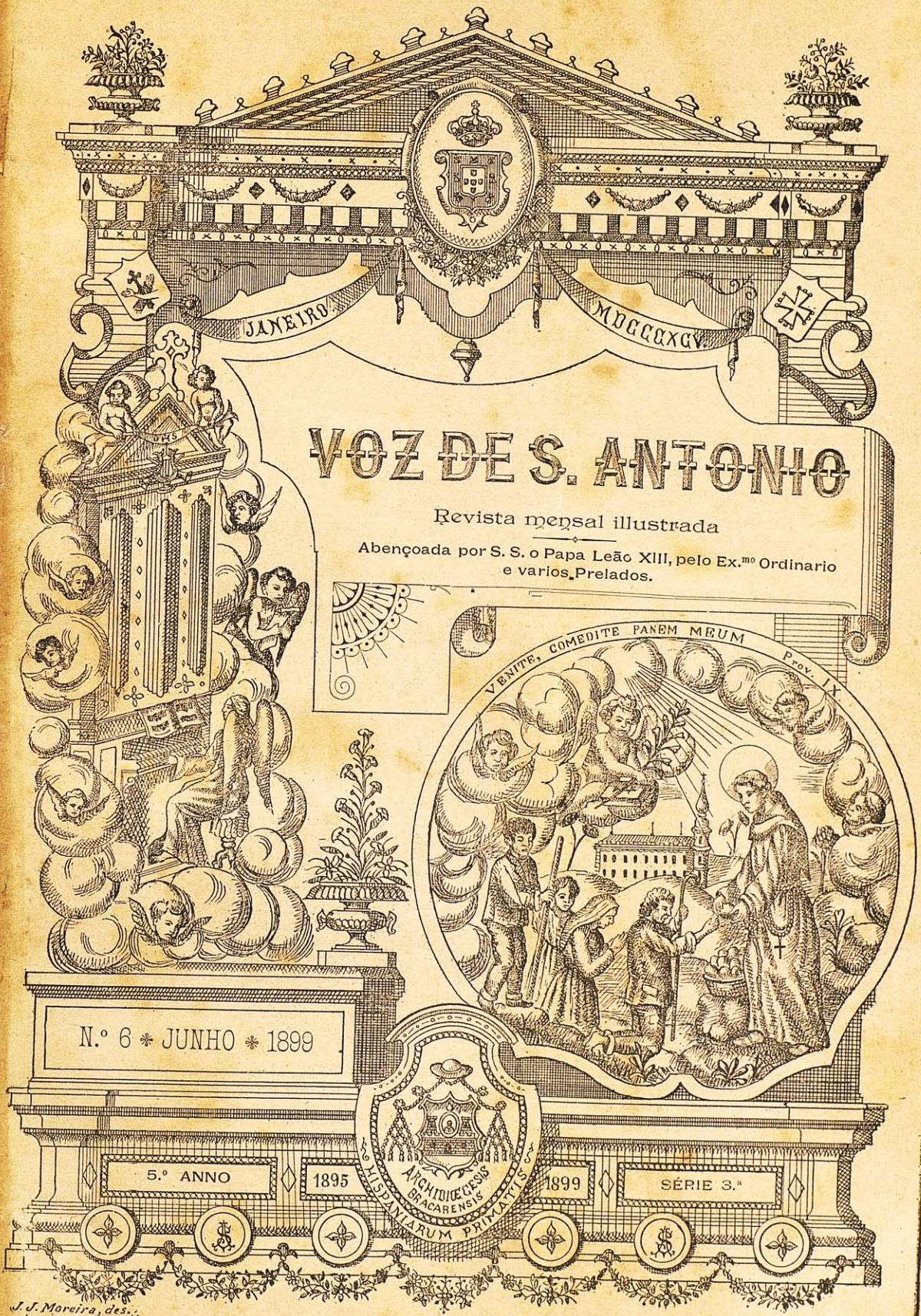


VOZ DE S. ANTONIO

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII, pelo Ex.mo Ordinario e varios Prelados.

N.º 6 * JUNHO * 1899

5.º ANNO 1895 — 1899 SÉRIE 3.ª

J. J. Moreira, des.

CHRONICA LIGEIRA

SUMMARIO : *A maçonaria em Braga : existiu e existe ; seu caracter. — O Gr.·. Or.·. Lusitano : demissão do grão Fakir e seu testamento ; o novo Gr.·. Mestre ; o scisma ; vitalidade assombrosa do «Gremio Portuguez». . . antes de nascer. — Uma rectificação. — A monomania das estatisticas : um specimen. — O relatorio do Gr.·. Oriente Lusitano em 1898.*

Em Braga haverá maçonaria ?

E' uma pergunta com que por vezes me tem assaltado a curiosidade impertinente de muitos importunos. Ora eu quero cortar pela raiz a causa d'essas importunações e instancias ; e por isso vou dizer de uma vez tudo quanto sei e posso dizer ácêrca da questão.

Algumas pessoas me téem dito que em Braga existe a maçonaria, regularmente organisada ; alguem julgou-se até habilitado a dizer-me que os II.·. se reunem em tal parte, em casa de fulano de tal, assim e assim, etc. Outros téem-me dito que ahi para os lados do Bom Jesus (santuario de *historica memoria*, e hoje estancia de villegiatura e *rendez-vous* de *touristes*, aonde muitos enfermos de corpo e do espirito correm a refocillar o animo e desopilar o figado, em santa ociosidade, amenisada com interessante cavaqueira...) que ahi para esses lados, em certa baiuca, em tal sitio, em certos e determinados dias, uns certos e determinados individuos, se reunem, discutem, planeiam, deliberam, etc.

Eu, pela minha parte, não posso garantir o que em tudo isto haverá de verdade : apenas me faço echo de *boatos que correm*. Não duvido comtudo de que em Braga haja maçonaria regularmente constituida. Pelo menos abriu-se aqui em tempo uma Loja, e não me consta que ella fechasse. Um relatorio que tenho diante de mim, lido em sessão de 21 de março de... (está rasgado o numero que representava a éra) pelo R.·. I.·. Orad.·. Franklin, da R.·. L.·. União N.º... (tambem está rasgado), relatorio que devia ser apresentado pela referida loja ao O.·. da Conf.·. Maç.·. Portug.·., diz expressamente o que segue :

«Uma outra importante acquisição que fez a maç.·. foi a organisação da muito R.·. L.·. Civilisação n.º 22 no Valle de Braga. Todos nós sabemos quanto convinha que n'uma cidade tão populosa e importante como é a de Braga, se criasse um Temp.·. d'onde se irradiasse a luz maç.·. por todos os pontos da provincia do Minho a que não possam chegar directamente os raios luminosos que partem das LL.·. estabelecidas no Valle do Porto. Estas relações maç.·. são d'uma incontestavel utilidade, não só para os progressos da Ord.·. a que temos a honra de pertencer, mas tambem para coadjuvar a cada um de nossos II.·. que em alguma circumstancia da sua vida precise de soccorro, e auxilio em seus negociosou fazenda.»

Ora eu — repito — ignoro se a tal loja *Civilisação N.º 22* ainda subsiste, ou se já passou a melhor vida ; ella, porém, ou outra que a substitua, julgo incontestavel que alguma coisa ha por ahi.

E a maçonaria de Braga é da peór especie. A meu vêr, são pouco menos que innoffensivas, se não de positiva utilidade, as associações maçonicas que sáem para a rua a fazer arruaças aos catholicos, a dar caça aos padres que roubam creanças para a fabricação de oleo humano, (ainda se não averiguou o que faziam dos torresmos) a organisar cortejos e celebrar comicios nos quaes, sem ambages nem meias palavras, se precisam e formúlam em termos bem definidos, as aspirações a que tende todo esse apparato bellico. E' incomparavelmente mais nociva a maçonaria, que se entrega a um continuo trabalho de sapa, que trama no fundo de seus antros, contra a Religião e contra o Estado ; que frequenta os templos e se colloca á testa dos institutos e associações de piedade ; que, offerecendo-se opportunidade, não se peja de levantar *vivas* ao Papa e aos catholicos, para depois injuriar estes e chasquear d'aquelle, quando se proporcionar o ensejo.

Ora a maçonaria em Braga pertence a esta especie. E' sabido que a seita nefanda se accommoda maravilhosamente ao meio em que vegeta : é imperialista com Napoleão, monarchica com Luiz Filippe e com o nosso desgraçado D Pedro IV, republicana com Gambetta. Proteu infernal que toma todas as fórmas, e se amolda a todas as exigencias. E assim é muito natural que a maç.·. em Braga seja catholica, frequente os templos, se filie em instituições de beneficencia, chegue a formar parte da direcção de institutos e casas de caridade, dê a sua esmola avultada para uma festa religiosa, deixe o seu legado a tal e tal estabelecimento de piedade, com obrigação de tantas missas por anno e encargo de que se encommende á misericordia divina aquella alma bemfazeja ; promova uma festa muito solemne em honra de tal Santo, com musica e zabumba, fogo armado, illuminações vistosas, sermão de manhã e de tarde, Santissimo exposto todo o dia, e, durante a missa, lá ha de assistir na capella-mór, com a sua opa, de gravata branca e luva, e uns taes sentimentos de devoção externa que os assistentes não podem deixar de commover-se e sensibilisar-se. Assista a uma sessão solemne ou academia religiosa e alli applauda, com um sorriso de complacencia, os eloquentes oradores, e chegue mesmo a pedir a palavra para dizer que sim, que está muito bem, que tem toda a razão ; e que, n'essa ordem de idéas, toma a liberdade de apresentar a seguinte proposta, a qual é approvada por acclamação, pedindo a assembléa *una voce* que seja exarado na acta um voto de louvor ao lembrador incomparavel...

E a ninguem sequer passou pelo pensamento suspeitar que, lá no santuario intimo da vida domestica, tudo aquillo é desmentido : que não se recebem os Sacramentos, nem ao menos uma vez por anno ; que não se assiste á missa aos domingos e dias santificados, afóra os casos de *força maior*, como os que acima ficam enumerados ; que não se jejúa (e quantos d'elles andam bem nédios e redondinhos !...) nem se guarda abstinencia nos dias em que a Egreja o preceitúa ; que não se dá esmola, senão quando ha absoluta certeza de que a mão esquerda conhecerá o que faz a direita, e se sabe que, no dia seguinte, os jornaes de maior circulação hão de ir buzinar aos quatro ventos e tecer inspiradas lôas á caridade do snr. F... ; que se cohabita com outra mulher, que não aquella que se recebeu á face dos altares... etc. Verdadeiros sepulchros branqueados.

Poderia alongar o quadro ; mas não quero, nem é preciso.

Leitor amigo : se por ventura esta carapuça se te afigura propositadamente talhada á feição de certas cabeças que tu conheces, regeita esse pensamento, como uma suggestão maligna do demo tentador, e tem a certeza de que me não refiro a ninguem, absolutamente a *ninguem*, em particular. Mas sei que é assim. Agora se ella serve na tua cabeça... a culpa não é minha. Sabe, no entanto, que eu não censuro nem condemno que faças festas aos Santos, dês esmolas, instituas legados, frequentes os templos, assistas ás sessões solemnes ou academias religiosas. Tudo isso é muito bom ; mas, se não fôr animado por uma intenção recta, claro que de nada te aproveitará para a outra vida.

E os homens podem enganar-se ; mas Deus não se engana...

— Como eu previa, o snr. conselheiro Bernardi-

5.º ANNO — N.º 6 | 3.ª SERIE | JUNHO — 1899

VOZ DE S. ANTONIO

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

Papelaria e Typographia Universal
DE AUGUSTO COSTA & PEREIRA

Editor
DOMINGOS JOSÉ DE SOUZA GOMES

SUMMARIO

Para onde caminhamos?

I Parte — SECÇÃO DOUTRINAL: Capella de Nossa Senhora dos Anjos. — A Ordem Terceira. — Palestras familiares. — Santo Protector para o mez de julho. — Virtude a imitar. — Absolvição geral. — Indulgencias a lucrar.

II Parte — SECÇÃO HISTORICA: Florinhas de S. Francisco. — Pensamentos. — Anecdotas.

III Parte — LEITURAS AMENAS: O Mensageiro do Papa.

IV Parte — CULTO DE S. ANTONIO: Novos Membros da Pia União. — Braga. — Lisboa. — Vianna do Castello. — Ouro Preto (Brazil). — A Juventude Antoniana em Varatojo. — Santa Marinha de Forjães. — Os cofres do Pão dos Pobres de Santo Antonio. — Recommendações especiaes. — Os nossos defuntos.

V Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: O Homem. — A Santo Antonio *(poesia)*. — Bibliographia. — As nossas illustrações.

VI Parte — CHRONICA UNIVERSAL.

Gravuras: S. Antonio de Lisboa. — O Sagrado Coração de Jesus. — Cruz aberta na pedra por Santo Antonio, fugindo a uma tentação diabolica. — O Martyrio do B. João Forest, Franciscano — Pia Baptismal da Sé de Lisboa, onde foi baptisado S. Antonio.

PARA ONDE CAMINHAMOS?

Tal é a pergunta que naturalmente dirige a si mesmo todo aquelle que ainda se não acha victimado pelo mais temivel dos males que presentemente minam a sociedade: *a indifferença.*

Com effeito: é sombrio o quadro, e carregado o horisonte; é geral a desorganisação, e cada dia mais impotentes se vão mostrando as panaceas aventadas para restituir o equilibrio á grande mole arruinada, cambaleante, do mundo politico, moral e civil. Exageramos, por ventura? Seremos pessimista? Póde ser; mas existe incontestavel a prova dos factos, com a sua logica esmagadora, persistente, não desmentida até hoje, nem mesmo pelos mais ousados optimistas, a quem parece vêr brilhar de continuo, deante de seus olhos, a flammejante chamma do *progredior* incessante, que atravessa o mundo em todas as direcções, para o conduzir a um estado de felicidade a que aspira irresistivelmente, mas que nunca logrou conseguir. Estes mesmos, dizemos, descobrem, a medo, a par da estrella fagueira que os anima, a nuvem negra que os desalenta. Para nós essa estrella não brilha; ao passo que a nuvem medonha, como precursora da tempestade que já parece desencadear-se ao longe, se nos afigura avolumar-se sempre, e cada vez mais pejada de electricidades contrarias, prestes a fulminar o ultimo raio que virá consummar a obra de destruição iniciada por elementos

fataes. E' verdade que tambem nós, que nos não queremos illudir, julgamos vêr, de vez em quando, clarões de esperança, que poderiam alentar uma alma menos sceptica, se quizerem, ou menos desconfiada, para não acreditar em meras apparencias de occasião, mas fiar-se apenas de realidades inconcussas, persistentes. Mas é tão palido o brilho d'esses clarões de esperança, são elles, ainda para mais, tão raros, tão isolados, e tão pouco duradouros, que não logram sacudir a impressão de desalento que se apodera d'um espirito para quem a indifferença, perante o mal, é o mais terrivel dos martyrios.

Causa nata da indifferença é o egoismo. Que eu esteja bem, que se me dá dos outros? E para eu estar bem, são licitos todos os meios, rectos todos os caminhos. Soffram, muito embora, os meus similhantes; d'elles não se me doe o coração. A lucta pela vida é direito para todos, mas a sorte é desigual. Ai dos vencidos n'esta lucta!

Não será o victorioso soberbo que estenderá compassivo a mão ao derrubado da sorte. Sobre a desgraça d'este erguerá, altivo, o throno do seu triumpho, muito embora, lhe sirva de escabello um mar de lagrimas, rios de sangue, sacrificios de consciencia, eculeos moraes, abdicação da liberdade, inversão n'uma palavra, de toda a ordem moral estabelecida pelo provido e sabio auctor da natureza.

E será real, tudo isto? Quasi não vêmos outra cousa, nem outra causa dos grandes males de que soffrem todos os povos, grandes e pequenos. Examinem-se uma a uma as chagas gangrenosas da sociedade. Porque não estão ellas remediadas? Porque era necessario o sacrificio. Mas o sacrificio é opposto ao egoismo, e como este impera, em vez de se estancarem as fontes do mal, augmentam espantosamente as suas deleterias consequencias. Um outro exemplo, apenas bastará para comprovar exhuberantemente a asserção proposta.

E' axioma indiscutivel, em politica e em moral, que o bem commum prefere sempre ao bem particular. Mas não é isso o que observamos. Ha, supponhamos, uma collectividade que carece absolutamente d'um determinado melhoramento para o bem commum dos seus individuos; mas, por desgraça, esse melhoramento commum, que a todos beneficiaria, vae cercear os interesses ou as commodidades de um individuo particular, que prepondera na balança da politica.

Seria seu dever sacrificar uma parte das suas commodidades ao bem commum, mas não. Este usa da sua influencia, actua energicamente sobre a auctoridade, que fraqueja, e elle continua, deliciando-se superfluamente, á custa do sacrificio de toda a collectividade. Dois crimes enormes n'este caso: o do individuo, que, pelo seu egoismo, se não sacrificou ao bem commum que lhe é *indifferente;* e o da auctoridade, que devendo zelar rigorosamente o bem geral da sociedade, o sacrifica, traindo a sua missão, ao bem particular.

E é ainda o egoismo e a indifferença que levam a auctoridade a commetter similhante crime de lesa sociedade.

Obra d'esta fórma, tão cruel e traiçoeiramente, porque está no poder sem consciencia dos seus deveres nem da sua missão.

Tem na mão as redeas do poder social, não para servir a sociedade, que outro fim não tem a auctoridade,

S. Antonio de Lisboa

mas para que a sociedade sirva o seu egoismo. Por isso não se sacrifica pelo bem da sociedade, que lhe é indifferente, mas sacrifica este bem commum ao seu egoismo, que é o seu tudo. Procurae, se quizerdes, outra causa dos males geraes de que soffrem as nações, que a não achareis, porque outra não póde haver senão esta: egoismo e indifferença no individuo physico, egoismo e indifferença no individuo moral.

Não é, infelizmente, só na ordem physica que observamos as tristes consequencias do egoismo e da indifferença. E' na ordem moral que elles causam igualmente os mais lamentaveis flagellos. A sociedade bem organisada e moralisada não supportaria certos erros da auctoridade; pedir-lhe-ia satisfação do seu proceder incorrecto, e procuraria quem melhor a dirigisse.

Para fugir a este desaire deixa que a sociedade se esphacele, que as doutrinas deleterias a corrompam, e a pretexto de uma falsa liberdade que diz conceder-lhe, escravisa-a, lisongeando-lhe as paixões, permittindo-lhe desenvolvel-as, senão auxiliando-a até, n'este ignobil suicidio moral!

Tal é a causa dos horriveis males moraes da sociedade hodierna.

Faz tremer como a pretexto de liberdade se consentem os mais hediondos crimes moraes commettidos na sociedade, por alguns dos seus membros, a contento, senão de connivencia, com a auctoridade! Fallamos em geral, sem nos determos a assignalar os factos particulares de facil deducção, porque são evidentes! Por isso, quem reflecte conscienciosamente sobre as causas e consequencias do grave estado social, sem lhes vêr applicar um remedio efficaz, pergunta ancioso: *para onde vamos?*.....

Salva-nos, Christe, Salvator noster!

SECÇÃO DOUTRINAL

Capella de N. Senhora dos Anjos

CENTRO DA ORDEM TERCEIRA NO PORTO

Mais dois anonymos offerecem 5$000 réis, para a construcção da casa adjunta á sobredita capella, destinada á residencia do clero.

E' digno de todo o elogio quem d'esta fórma se digna contribuir para o bem da religião.

A Ordem Terceira

ENTRE nós são muito numerosas as fraternidades e congregações de irmãs da V. Ordem Terceira, na sua maxima parte de fundação anterior á exclaustração dos religiosos em Portugal. Entre todas ellas porém, triste é confessal-o, rarissima será aquella que corresponda ao ideal de S. Francisco e aos designios de Leão XIII. Não sei mesmo se haverá *uma só!*

As causas d'este tristissimo estado de coisas, e os remedios que seria opportuno empregar para o melhorar, demandariam um estudo muito sério e detido, para o qual, de presente, me não sobeja o tempo nem opportunidade. A causa principal é, a meu vêr, a falsa comprehensão do que deve ser a Ordem 3.ª Accrescem uns certos prejuizos e preoccupações, infelizmente bem enraizadas, que, ou entibiam as vontades pouco decididas e firmes, ou mallogram e fazem sossobrar a iniciativa tomada por pessoas de boa vontade, cheias de santo ardor pela boa causa e votadas á gloriosa empreza de rechristianisar a sociedade.

Ora vou fazer vêr, muito de corrida, a sem-razão e o nenhum valor das objecções que se adduzem contra a diffusão da Ordem 3.ª Antes de principiar, porém, quero estabelecer bem assentes os dois principios seguintes: 1.º que, pugnando pela dif-

fusão da Ordem 3.ª, de modo algum me refiro ao que ella hoje é em Portugal, mas ao que ella *devia e podia ser;* 2.º que as indulgencias e outras vantagens espirituaes, que são tudo para muitas confrarias e associações piedosas, são coisa meramente accidental, para a Ordem 3.ª, que visa outros fins muito superiores — *a reforma da vida e dos costumes.*

Vamos ás difficuldades. E comecemos pelo mais facil.

I — PRECONCEITOS

1.º — *O modo de vestir.* «Não posso renunciar ao luxo, ao uzo de vestidos accomodados á minha condição, á minha posição social». As donzellas costumam accrescentar tambem: «Não posso vestir como uma viuva».

Ora o luxo, quando *superfluo* e sobretudo quando *immodesto*, é condemnado não só pela regra da Ordem 3.ª, mas tambem pela lei de Deus e pela razão natural; a todos os christãos por conseguinte, que não só aos Terceiros, se impõe em consciencia a obrigação de evital-o.

Se o luxo é moderado, se se contenta com um modo de vestir accommodado á idade, sexo, condição e posição social de cada um, nem a Egreja o condemna, nem a regra o prohibe. Esta prescreve simplesmente «que se abstenham os Terceiros, em seus vestidos e enfeites, de elegancia luxuosa, observando, *segundo a condição de cada um*, a regra da mediocridade». (Regra Cap. II, § 1).

E' evidente que não se estatue aqui uma norma uniforme e immutavel, antes expressamente se ordena que se attenda ás circumstancias individuaes de cada um.

E' claro que a um sacerdote, por exemplo, poderá ser vedado o que a um leigo é permittido; n'uma donzella não será para censurar o que na mulher casada ou viuva seria digno de reparo; uma pessoa nobre ou de elevada posição na escala social, ou que desempenha cargos de certa representação ou auctoridade, poderá, sem transgressão, usar de uma tal ou qual ostentação e fausto no vestir, que na camponeza ou na mulher do povo ou no individuo privado, poderiam ser taxados de excessivos e immoderados.

2.º — *Os divertimentos prohibidos.* Prescreve a regra: «Abstenham-se, com a maior cautela, de danças e representações profanas, assim como do peccado da gula».

E' certo que esta prescripção se refere principalmente aos espectaculos e representações em que se offende a honestidade e a decencia. Taes espectaculos são tambem prohibidos pela lei de Deus, e por consequencia a regra não induz obrigação nova.

Quanto aos divertimentos e espectaculos em geral, bom será que os Terceiroe procurem de evital-os o mais possivel, pois que hoje em dia raros serão aquelles em que não perigue a innocencia e a virtude. Aqui, porém, é mistér salvarem-se tambem as conveniencias domesticas e sociaes, attendendo ás diversas circumstancias e condições de cada um. Pessoas ha para as quaes o deixar de frequentar o theatro seria motivo de perturbações e dissenções domesticas; outras julgam ter razões igualmente graves e ponderosas para o frequentar. Ora é n'estes casos que é perfeitamente applicavel aquelle artigo da regra: «se, por uma causa grave e legitima, um associado não podér observar algum dos pontos da regra, é permittido dispensal-o d'esse ponto particular ou commutar-lh'o prudentemente. Para isto téem faculdade e poder os Superiores ordinarios dos Franciscanos da Primeira e da Terceira Ordem, assim como os Visitadores». (Cap. III, § 6).

3.º — *Outras prescripções da Regra.* São em extremo faceis; basta, para cumpril-as, um poucochinho de boa vontade, que, aliás, é indispensavel a todo que deseja salvar-se. Tanto mais que, depois da promulgação da nova constituição de Leão XIII, ficaram estas prescripções muito reduzidas. O *habito* religioso do Terceiro póde ser substituido por um escapulario, das dimensões dos escapularios ordinarios; o *cordão* é muito leve, e póde ser bem delgado, de fórma a não incommodar, uma vez que nos não sobeje o animo para offerecer a Nosso Senhor essa pequenina mortificação; o *officio* compõe-se apenas de 12 *Padre Nossos* com outras tantas *Ave Marias*, e *Gloria Patri;* os *jejuns*, a demais dos da Egreja, apenas dois: na vespera de S. Francisco e na vigilia da Immaculada Conceição; a *confissão* e *communhão* uma vez por mez; a assistencia ás reuniões e conferencias tambem uma só vez por mez; a assistencia diaria á missa apenas é prescripta áquelles a quem fôr possivel.

Todas as demais obrigações da Regra são communs indistinctamente a todos os christãos, pois que são preceituadas na lei divina. Haverá aqui motivo plausivel de desculpa? Que associação piedosa haverá ahi que não imponha iguaes ou muito superiores obrigações, sem as vantagens que offerece a Ordem Terceira?

4.º — *Mas... sou ainda muito novo.* Basta haver attingido os quatorze annos. De resto, é bem mais agradavel a Deus o sacrificio que lhe fazemos de nossos affectos e de nosso amor, logo desde nossos primeiros annos, do que o offerecido quando já estivermos cançados e enfastiados de servir o mundo. Accresce, que é precisamente na juventude que corremos maiores perigos, e por consequencia temos necessidade de mais poderoso auxilio, qual, sem duvida, acharemos na Ordem Terceira.

5.º — *Mas é um novo encargo, para quem já está por demais sobrecarregado de obrigações e praticas de piedade.* Advirta-se: 1.º, que a Ordem Terceira não impõe obrigação nova sob pena de peccado. Quem observar o que ella prescreve será participante dos bens espirituaes que lhe são inherentes, terá a benção de Deus e de S. Francisco; quem o não observar, não terá parte n'estes bens, mas tambem não peccará; como se vê, pois, ha tudo a ganhar, nada a perder. — 2.º As outras prescripções da Regra obrigam por igual a todos os christãos, os quaes téem de cumpril-as, sem ter para isso os poderosos auxilios que a Regra da Ordem 3.ª faculta aos seus membros. — 3.º Por este motivo, não devemos chamar um encargo pezado ás prescripções da Regra, que, pelo contrario, são um poderoso auxiliar para a pratica do bem. As rodas não são um pezo para o carro, nem as velas para o navio, nem as azas para a ave.

Proseguirei.

A Ordem Terceira

O Instituto de França acaba de decretar o importante premio *Lefévre-Deunier*, cujo valor é de 20:000 francos (cêrca de 4 contos de réis) á melhor obra, impressa ou manuscripta, sobre S. Francisco de Assis e os Franciscanos. Tambem são admittidas ao concurso as obras estrangeiras, traduzidas em francez.

O trabalho deve ser posterior ao anno de 1883, e deve ser apresentado até ao dia 31 de dezembro de 1902.

— Tambem o dr. Hudson Shaw, professor da Universidade de Oxford, pronunciou ha pouco na Universidade de Witherspoon-Hall um natabilissimo discurso, ácerca de «Roma e a Idade média».

Fallou com grande enthusiasmo ácêrca de S. Francisco e da sua Ordem, rematando com as palavras, bem conhecidas, de Tennyson: «Dôce Francisco de Assis, porque não vives ainda hoje entre nós»! E accrescentou: «Poderei manifestar o men pensamento sem provocar estranheza da vossa parte? S. Francisco de Assis foi o coração mais puro, o mais amante, o homem de maior perfeição que a historia de dezoito seculos nos tem revelado».

Ora o dr. Shaw não é catholico, e por outra parte goza de reputação universal como homem de sciencia e erudição, pelo que estas palavras em sua bocca téem uma auctoridade incontestavel.

— Ha pouco foi recebida em audiencia pontificia uma familia franceza, marido, mulher e um filho sacerdote.

No correr da audiencia veio a fallar-se da Ordem Terceira, á qual pertenciam todos os membros d'aquella familia exemplar. O rosto do Santo Padre reanimou-se d'uma subita alegria, que o fez exclamar:

«Oh! A Ordem Terceira! Eu amo ardentemente a Ordem Terceira, e tenho n'ella fundadas grandes esperanças para a regeneração da nossa idade. Os governos estavam prestes a sossobrar, quando por ella foi restaurada a sociedade, na idade-media; peçamos a Deus que o mesmo suceda em nosso tempo. Quando ainda só era Bispo, quiz testimunhar-lhe a minha benevolencia. E quando fui assumpto para Cabeça da Egreja, quiz renovar lh'a desde os primeiros annos do meu Pontificado». . .

O sacerdote accudiu timidamente, lembrando a Encyclica *Auspicato*, e o Santo Padre, com admiravel segurança de memoria, começou a repetir o principio da Encyclica, sem titubear nem vacillar, e fazendo avultar a importancia que lhe attribuia.

«De resto, accrescentou, sei que a Ordem Terceira trabalha segundo o nosso desejo, particularmente em França. Não ha muito que o snr. Harmel, achando-se aqui. . .

— Elle está de presente em Roma, S. Padre.

— Sim, replicou o Papa, sei que chegou, e hei de recebel-o em breve. . . Com o snr. Harmel recebi tambem o Padre. . . (um instante de hesitação). . . o Padre Julio.

— O Padre Julio, S. Padre?

— Sim, o Padre Julio, Commissario da Ordem Terceira para os Frades Menores; porque eu desejava saber o que se fazia em França. Respondeu-me á medida que eu o interrogava, e fiquei satisfeitissimo de suas respostas e da acção da Ordem Terceira em França. E' mistér continuar: d'ella é que póde vir a salvação».

— A proposito do Congresso franciscano, que em breve ha de reunir-se em Bruxellas, o Em.mo Cardeal Rampolla dirigiu, em nome do S. Padre, a seguinte carta ao rev.mo Padre Provincial dos Capuchinhos na Belgica:

«M. R. Padre

«O desejo constante do S. Padre, de vêr a Terceira Ordem de S. Francisco propagar-se e

florescer cada vez mais, fez que lhe fôsse em extremo grata a noticia do novo Congresso de Terceiros, que deve reunir-se em Bruxellas no proximo mez de julho. Vossa Revd.ª Paternidade implorou a benção apostolica para este futuro Congresso, e eu tenho o prazer de poder communicar-lhe que S. Santidade a concede de todo o coração, pedindo ao Senhor que se digne derramar os seus favores sobre a Assembléa e sobre tudo que a ella se refira, a fim de que todos conheçam melhor as grandes vantagens que a religião e a sociedade civil esperam da sabia instituição do Pobresinho de Assis».

«Approveito gostosamente a occasião para exprimir os meus ardentes votos pelo seu Congresso. Etc. . .»

«Roma, 8 de abril de 1899.

M. Cardeal Rampolla».

— Foi extraordinariamente concorrida e de uma grandiosa imponencia a peregrinação eucharistica a Villareal (Hespanha) em honra de S. Pascoal Bailão, Patrono dos Congressos e associações eucharisticas. Affluiram, de todos os pontos de Hespanha, cêrca de 60:000 pessoas, com 120 bandeiras e 300 estandartes, acompanhadas de 500 sacerdotes e 50 religiosos, dominicanos, carmelitas, capuchinhos e franciscanos. Presidiu um Arcebispo, que celebrou o Pontifical, e dois bispos; assistiu, representando o rei, o capitão general de Valencia, e os governadores civil e militar da Provincia.

Grandiosa manifestação da fé de um povo, que, no meio das enormes desgraças com que á Providencia apraz de o provar, é sempre grande, sempre religioso, sempre crente e profundamente catholico!

Palestras familiares

A egreja intransigente. — E' uma das muitas accusações a que recorrem os inimigos da Egreja, para combatel-a, sem se advertirem de que é um significativo testimunho que prestam á firmeza e immutabilidade da fé.

Com effeito: a Egreja recebeu de Jesus o deposito sagrado da sã doutrina, com encargo de o guardar até á consummação dos seculos. Ora se a Egreja contemporisasse ou transigisse com o erro, trahiria a augusta missão que lhe foi commettida por seu Divino Fundador.

Pois que a verdade é tão incompativel com o erro, como o dia com a noite, a luz com as trevas, Deus com o diabo.

Se alguem quizesse convencer-vos de que dois e dois não são quatro, poderieis jámais transigir, e dizer que sim? Pois é pela mesma razão que a Egreja não póde transigir com o que affecta os seus dogmas ou a sua dignidade ou a santidade dos costumes.

Descancemos pois, firmes da nossa fé. A Egreja, na confissão de seus proprios inimigos, é *intransigente;* nunca poderá induzir-nos em erro.

O que será melhor; ser rico ou pobre?— Não se póde responder de modo absoluto, porque a riqueza e a pobreza, em si mesmas, são coisas indifferentes, pódem ser boas ou más, levar ao céo, ou conduzir ao inferno. Deus confiou a cada homem o seu papel particular a desempenhar no grande theatro d'este mundo; a santidade e a perfeição da virtude consistem no bom desempenho d'esse papel, e d'elle depende a nossa eterna salvação ou condemnação.

Aquelle a quem Deus confiou o papel do rico, não deve orgulhar-se nem julgar-se superior aos demais, senão que a todos deve tratar como irmãos, e filhos do mesmo pae que está no céo; e aquelle a quem Deus confiou o papel do pobre e do indigente, não deve reputar-se aviltado nem menos enobrecido, na certeza de que a verdadeira nobreza e a unica riqueza consiste em fazer a vontade de Deus.

Todos devemos contentar-nos com o estado a que o Senhor nos destinou, porque o aspirar a um estado diverso, é expôr-se ao perigo de perder aquellas graças especiaes que Deus concede a cada individuo, para o bom desempenho do cargo que lhe confiou.

Santo Protetor para o mez de julho

S. Boaventura, *bispo e Cardeal da 1.ª Ordem.* — Tão grande santo como eminente sabio, a sua vida, aliás muito breve, foi toda consagrada ao estudo e á pratica da virtude. Escreveu muitas obras, nas quaes não sei qual mais admirar, se a sua vastissima erudição e luminoso engenho, se a sua dôce e attrahente piedade.

Singularisou-se muito na devoção a Maria Santissima e ardente amor a Jesus Sacramentado. A elle se deve o piedoso costume, hoje estendido a toda a Egreja, de fazer tres vezes ao dia o signal no sino para os fieis rezarem tres Ave Marias em honra da Mãe de Deus. Era tal a sua reverencia para com o Santissimo Sacramento, que chegou a persuadir-se por humilde que era de que não devia approximar-se da Eucharistia; reverencia que Jesus lhe recompensou, dando-se-lhe em communhão por ministerio dos anjos.

Virtude a imitar

O bom emprego do tempo. — E' um erro, e de fataes consequencias, suppôr que a virtude e a santidade consistam em austeras penitencias, largos jejuns, muitas peregrinações e romarias, compridas horas de oração, etc. O mais santo será o que mais perfeitamente cumprir as obrigações proprias do estado a que a Providencia o chamou. Por mais santas que sejam as obras que pratiquemos, se nos impedem o cumprimento das nossas obrigações, não poderão ser agradaveis a Deus, nem uteis para a salvação. E ao contrario: por mais insignificantes e abjectas que nos pareçam as obrigações que nos impõe o estado de vida que professamos, se as praticamos com espirito de fé, e por amôr de Deus, persuadidos de que fazemos a sua vontade, — serão outros tantos meios de fazer-nos santos, e outras tantas fontes de merecimentos para o céo.

Absolvição geral

No dia 2. — Festa da Visitação de Nossa Senhora.

Indulgencias a lucrar

Plenarias:

1 — No dia 9, S. Nicolau e companheiros martyres da 1.ª Ordem.

2 — No dia 14, S. Boaventura Bispo C. e Doutor, da 1.ª Ordem.

3 — No dia 24, S. Francisco Solano da 1.ª Ordem.

Parciaes:

1. — Em cada dia do mez 300 dias de indulgencia, e 207 quarentenas.

2 — Nos dias 7, 14, 21, 28, cem dias de indulgencia.

3 — Nos dias 1, 2, 8, 9, 15, 16, 22, 23, 29, 30, 198 annos e outras tantas quarentenas.

4 — Nos dias 7, S. Lourenço de Brindis, 9 S. Nicolau e companheiros martyres, 14 S. Boaventura Doutor da Egreja, 24 S. Francisco Solano da 1.ª Ordem, 256 annos e 50 quarentenas.

Para lucrar estas indulgencias requer se a visita d'uma egreja franciscana ou d'outra qualquer ordem mendicante, e que se rezem ahi tres *Padre Nossos*, tres *Ave Marias* e tres *Gloria Patri*, em honra da SS. Trindade.

Todos os fieis no dia 2, festa da *Visitação de N. Senhora* pódem ganhar as indulgencias seguintes: 400 dias, se contritos e confessados, assistirem ás primeiras ou segundas vesperas, ás Matinas ou á Missa; 160 dias por cada uma das Horas Menores, a saber: Prima, Terça, Sexta e Noa.

Além de todas estas indulgencias pódem os Irmãos Terceiros lucrar mais as seguintes:

Uma plenaria em qualquer dia do mez á sua escolha; outra no dia da reunião mensal nas condições ordinarias: outra plenaria na hora da morte, invocando o *SS. Nome de Jesus* com a bocca, e não podendo assim, invocando-o só mentalmente; mais uma nos dias acima notados em que se dá a absolvição geral; igual indulgencia ganha quem rezar cinco vezes o *Padre Nosso*, *Ave Maria* e *Gloria Patri* pela liberdade da Egreja; finalmente tantas indulgencias plenarias, quantas as vezes que rezarem a *Estação do SS. Sacramento*, isto é, seis *Padre Nossos*, seis *Avé Marias* e seis *Gloria Patri* com todas as mais indulgencias de Roma, Logares Santos, Assis e Compostella.

As indulgencias que são concedidas sob condição de que se visite uma egreja franciscana, podem lucrar-se, onde não houver taes egrejas, visitando a egreja onde está a respectiva fraternidade ou na falta d'ella, a egreja parochial.

Por ultimo, conheçam os Irmãos Terceiros que todas estas indulgencias, e bem assim qualquer obra meritoria, podem ser applicadas pelas almas do purgatorio. Aconselha-se pois, que não omittam um tão bello acto de caridade em favor de almas tão queridas de Deus.

SECÇÃO HISTORICA

FLORINHAS DE S. FRANCISCO

CAPITULO XIII

Põem S. Francisco e Fr. Maceu o pão que tinham esmolado sobre uma lagea ao lado d'uma fonte. — Louvores d'aquelle á pobreza. — Pede a Deus, a S. Pedro e S. Paulo um amôr entranhado a esta virtude. Apparecem-lhe estes Santos.

O prestigioso servo e seguidor de Christo, S Francisco, para em tudo perfeitamente se conformar com Jesus, que, no dizer do Evangelho, mandou os seus discipulos a dois e dois a todas as cidades e logares, aonde elle devia de ir; depois de, a exemplo de Christo, ter doze companheiros, enviou-os tambem a prégar pelo mundo a dois e dois; e, para lhes ser exemplo de verdadeira obediencia, foi o primeiro a partir, regulando-se n'isto tambem por Jesus, que primeiro começou a praticar do que a ensinar. Pelo que tendo designado a seus companheiros outras partes do mundo, elle sendo-lhe companheiro Fr. Maceu, tomou o caminho de França.

E chegando, um dia, a uma cidade assaz entrados de fome, fôram, consoante a regra, pedir esmola por amôr de Deus; S. Francisco percorreu uns sitios, Fr. Maceu outros. Mas, como S. Francisco era homem de figura pouco airosa e pequeno de corpo, e por isso reputado de quem não o conhecia um desprezivel mendigo, não alcançou senão uns pequenos pedaços de pão e esses bem duros e mirrados; mas a Fr. Maceu, robusto esbelto e garboso de corpo, deram-lhe bons pedaços, grandes e muitos, e até pães inteiros. Feito o peditorio, juntaram-se para comer n'um logar fóra da cidade onde havia uma bel'a fonte e

ao lado, a modo de meza, uma excellente pedra larga; cada um depôz sobre ella as esmolas que tinha ajuntado. Vendo S. Francisco que os pedaços de pão de Fr. Maceu eram mais, melhores e maiores que os seus, alegrou-se sobremaneira, e exclamou: «Fr. Maceu, em verdade que não sômos dignos de tamanho thesouro!» e como repetisse estas palavras muitas vezes, tornou-lhe Fr. Maceu.

— Padre queridissimo, como se póde chamar thesouro, ao que não passa de núa pobreza e falta do que mais hemos mistér? Aqui não ha toalha, nem facas, nem talheres, nem pratos, nem casa, nem meza, nem creados, nem creadas.

— Pois ahi está justamente um grande thesouro onde não ha cousa alguma aprestada pela industria humana; mas o que ha, apparelhado foi pela Divina Providencia, como claramente estás vendo no pão angariado, na excellente meza de pedra, e na chrystallina fonte; por isso quero eu que exoremos Deus, que nos faça amar de todas as véras o nobilissimo thesouro da Santa pobreza. E ditas estas palavras, feita oração, e tomada a refeição corporal d'aquelles pedaços de pão e d'aquella agua, levantaram-se para se pôrem a caminho em direcção á França; chegando a uma egreja, disse S. Francisco para o companheiro: «Entremos n'esta egreja a orar». S. Francisco foi em direitura ao altar e pôz-se em oração; n'ella recebeu de Deus tão excessivo fervôr que lhe abrazou a tal ponto a alma no amôr da santa pobreza que, pela côr do rosto e mover dos labios, parecia despedir chammas d'amôr. E abeirando-se assim em arroubo do companheiro, disse-lhe: «Oh! Fr. Maceu, dá-me a ti mesmo»! Por tres vezes repetiu esta exclamação; á terceira suspendeu pelo habito no ar a Fr. Maceu; do que este ficou grandemente admirado. E mais tarde contou aos companheiros que n'aquelle arremesso e suspensão que n'elle produziu S. Francisco, sentiu tanta doçura n'alma e consolação do Espirito Santo, que jámais em sua vida sentiu tamanha.

Depois d'isto disse S. Francisco: querido companheiro vamos a S. Pedro e S. Paulo, e peçamos-lhes que nos mostrem e ajudem a possuir o thesouro immenso de santa pobreza, que em verdade é thesouro tão digno e divino que sômos indignos da trazel-o em nossos vasos vilissimos: pois que é esta aquella virtude celestial, pela qual todas as cousas terrenas e transitorias se calcam aos pés, e pela qual desapparece d'alma todo o obstaculo que podesse empecer á sua livre união com Deus eterno. E' esta aquella virtude que faz com que a alma, ainda n'este mundo, possa viver no céo com os anjos; a que acompanhou Christo sobre a cruz, que com Christo foi supultada, com Christo resuscitou, com Christo subiu ao céo!

Ainda mesmo n'esta vida concede ás almas que d'ella se enamoram, agilidade para voar aos céos; visto que é depositaria e guarda das armas da verdadeira humildade e caridade.

Suppliquemos, por isso, dos santissimos Apostolos de Christo, os quaes fôram perfeitos amadores d'esta pérola evangelica, que nos alcancem esta graça de Nosso Senhor Jesus Christo para que por sua infinita misericordia nos conceda sermos verdadeiros amantes, observadores e humildes discipulos da preciosissima, amabilissima e evangelica pobreza.

E n'estas santas practicas chegaram a Roma e entraram na egreja de S. Pedro: S. Francisco pôz-se em oração n'um recanto da egreja, e Fr. Maceu n'outro. E como permanecessem por largo espaço em oração com muitas lagrimas e devoção, appareceram a S. Francisco os santos Apostolos Pedro e Paulo envolvidos em grande esplendor, e disseram: «Porque pedes e desejas observar o que Christo e os santos Apostolos observaram, envia-nos o Senhor Jesus a annunciar-te que a tua oração foi ouvida, e que concedido te está e a teus seguidores o thesouro perfeito da santa pobreza. Da sua parte ainda te dizemos mais que todos quantos commungarem este teu desejo seguindo-o, seguros estão da beatitude da vida eterna; e tu e todos os teus seguidores sereis de Deus abençoados. «Apoz estas palavras desappareceram, deixando S. Francisco cheio de consolação. Levantou-se da oração e foi ter com seu companheiro, perguntando-lhe se Deus nada lhe revelára; respondeu elle que nada. Então lhe contou S. Francisco como lhe appareceram os Apostolos santos, e o que lhe haviam revelado. D'onde repletos d'alegria decidiram tornar ao Valle de Espolete, desistindo da viagem a França.

CAPITULO XIV

Como estando S. Francisco com seus Frades a fallar de Deus, appareceu Christo no meio d'elles.

Estando S. Francisco, no principio da Ordem, recolhido com seus companheiros a fallar de Christo, ordenou a um d'elles, em fervor d'espirito, que pelo nome de Deus, abrisse sua bocca e fallasse de Deus o que o Espirito Santo lhe inspirasse.

Cumprindo o frade o preceituado e fallando de Deus admiravelmente, impõe-lhe S. Francisco silencio, e ordena o mesmo a outro frade. Obedecendo este e começando subtilmente a fallar de Deus, S. Francisco semilhantemente lhe preceitua se cale; mandou a um terceiro que fallasse de Deus, a qual mesmamente deu em fallar tão profundamente dos arcanos divinos, que logo S. Francisco conheceu que elle, como os outros dois, fallava por virtude do Espirito Santo. O que se evidenciou por um expresso signal: e foi que estando n'este celeste fallar, appareceu Christo bemdito no meio d'elles na figura d'um joven bellissimo; e abençoando-os a todos, banhou-os de tanta graça e doçura, que todos, arrebatados fóra de si, jaziam como mortos, nada percebendo do que se passava no mundo exterior. Tornado depois a si, disse-lhe S. Francisco: «Meus irmãos queridos, louvae Deus que pela bocca dos simples quiz revelar os thesouros da divina Sabedoria; porque Deus é quem abre a bocca aos mudos, e solta a lingua dos simples para fallar sapientemente».

(Continúa).

Pensamentos

Quem são os ricos n'este mundo? Os que téem muito? Não; porque quem tem muito, deseja mais, falta-lhe o que deseja, e essa falta o faz pobre.

VIEIRA.

E' grande injustiça condemnar a loquacidade das mulheres, quando se considera que sem ellas as creanças e meninos nunca aprenderiam a fallar.

O mar é a imagem das grandes almas; por mais agitadas que ellas pareçam, o fundo está esmpre tranquillo.

Uma bella alma é mais sensivel aos beneficios, que aos ultrages.

BASTOS.

A noz, o burro, o sino e o preguiçoso,
Sem pancadas nenhum faz seu officio;
Esta é fechada, aquelle vagaroso,
Um cala e outro jaz sem exercicio;
Mas tanto que do ferro ou pau nodoso,
Os duros golpes lhes sacodem o vicio,
O fructo abre, o animal pés amiuda,
O metal clama, o preguiçoso estuda.

PADRE BERNARDES.

ANECDOTAS

Um normando, moço de lavoira e bom trabalhador, acabava de almoçar quando a patrôa lhe diz:

«Sabes o que me lembrava agora? Para não interromper duas vezes o trabalho, é melhor jantar já em seguida.

—Não faço d'isso questão, respondeu o criado.

E poz-se, com effeito, a comer. Mas ainda não tinha acabado, quando a ama, para não perder tempo lhe trouxe a ceia.

O creado accedeu, e foi comendo até mais não poder.

— Bem, diz então a dona da casa; vejo que és um valente. Agora deves trabalhar por quatro.

— Se me dá licença, para o trabalho é que eu não vou agora. Depois de ceia costumo ir dormir; e então boas noites.

Na Suecia, reinando Gustavo II os duellos eram frequentissimos, apezar do rigor das leis para os evitar.

Soube um dia o rei que dois officiaes se haviam concertado para um duello á espada; e dirigiu-se para o logar ajustado, chegando primeiro que elles.

Os officiaes ficaram vivamente surprehendidos ao vêr alli o rei, e muito mais observando que a pouca distancia estava erguida uma forca.

«Vamos, disse o rei, começae lá o duello: o vencedor será enforcado».

Os officiaes reconciliaram-se immediatamente.

Leituras amenas

O MENSAGEIRO DO PAPA

É de saber-se que, no seculo XVI, houve em Allemanha um imperador que era um homem grandemente depravado e um soberano muito duro e

cruel. Não tosquiava suas ovelhas, como deve de fazer o bom pastor; escorchava-as, sugava-lhes o sangue. Nobres ou plebeus, grandes ou pequenos, haviam de soffrer todos em silencio os mais inauditos latrocinios, as mais despoticas vexações.

Mas as pessoas ecclesiasticas eram, entre todas, as mais mal tratadas: os dizimos e proventos ecclesiasticos, que deviam servir á conservação e adorno dos templos e sustentação dos pobres, eram levados por força ao thesouro imperial e esbanjados em prodigalidades e orgias. Aquelle mau principe chegava até a provêr nos bispados, nas abbadias e nas parochias, sujeitos incapazes e indignos, destituidos de sciencia e de bons costumes. De todos os pontos do imperio se levantavam queixas e murmurios de descontentamento, que chegaram até Roma, aos ouvidos do Summo Pontifice. O Papa enviou ao imperador um mensageiro, portador de cartas cheias de admoestações affectuosas e conselhos paternaes; mas o mensageiro afogou-se ao passar um rio, e perderam-se as cartas. Um outro mensageiro foi assassinado a meio do caminho, dizem que por ordom do imperador. A um terceiro correio, emfim, falleceu-lhe a coragem, e, chegando mesmo ás portas do palacio imperial, não se atreveu a apresentar as cartas de que era portador.

N'esta afflictiva conjunctura, o Papa reuniu quatro cardeaes, d'uma piedade e prudencia consummadas, e fallou-lhes n'esta fórma:

«Veneraveis irmãos: sabeis a quantos crimes e usurpações sacrilegas se vem entregando desde ha muito, nosso filho o imperador da Allemanha. Tres correios lhe temos enviado, que não chegaram a entregar-lhe nossas cartas. Que pensaes devamos fazer ainda? Deveremos excommungar o principe, ou ensaiar um novo meio de fazer chegar até elle nossas exhortações e avisos?»

Os quatao cardeaes alvitraram que fôsse escolhido um novo mensageiro e enviado ao imperador.

Mas não accordaram entre si, no tocante ás qualidades que deveria ter o portador das cartas pontificias. Todos queriam que fôsse um homem temente a Deus, dedicado á Egreja e á Santa Sé e prompto a derramar o sangue, se fôsse mistér, no cumprimento de sua missão; mas divergiam de opinião, ácêrca do caracter e condição social do legado.

O primeiro cardeal disse:

«Santissimo Padre: sou de aviso que deve escolher-se um cavalleiro fórte e experimentado, que possa defender-se opportunamente com as armas temporaes».

O segundo cardeal era de opinião que mais importava escolher um homem prudente, sabio e sagaz, que soubesse desconcertar os planos tramados contra elle, e esquivar-se aos laços e ciladas com que se pretendesse difficultar o desempenho de sua missão.

O terceiro cardeal não queria nem um homem de armas nem um diplomata.

«São personagens que attrahem sobre si as vistas e attenções; e importa sobremodo que a partida e a viagem do enviado pontificio sejam ignoradas. Escolhei antes, Santissimo Padre, um bom religioso mendicante. Apesar da corrupção do seculo, respeita-se ainda o caracter e o habito do monge; por outra parte, tudo está habituado á vêl-os peregrinar por esse mundo, e ninguem suspeitará que um pobre franciscano, esmolando para seu convento, sustentando-se a pão e agua e viajando descalço, seja portador de cartas do Papa ao imperador.»

Como o quarto cardeal guardava silencio, rogou-lhe o Papa quizesse manifestar o seu sentir.

«Creio, Santissimo Padre, que nenhuma das qualidades exigidas por meus veneraveis irmãos póde bastar, só de per si, ao cumprimento de vossos designios. Porque não escolher um homem que seja ao mesmo tempo cavalleiro experimentado, habil diplomata e santo religioso?»

O Papa e os cardeaes fôram de parecer que tal seria, com effeito, o optimo dos mensageiros possiveis; mas onde encontrar um homem com taes requisitos?

«Conheço um, acudiu o quarto cardeal. Fr. João, que mora no convento dos Franciscanos em Perusa, viveu no seculo até os trinta e cinco annos; bateu-se como um leão em combates sem conta, e negociou habilmente numerosos tratados de paz e de guerra. Não duvido propôl-o a Vossa Santidade, e por elle responderá a minha cabeça.»

D'ahi a alguns dias, Fr. João, que estava lavando a louça do convento, viu acercar-se d'elle um religioso, que lhe disse

que o Papa o chamava, e que devia partir logo.

O pobre religioso ficou tão surprehendido com similhante nova, que deixou escapar da mão a escudella que lavava. E a escudella partiu-se, e o pobre frade foi condemnado a quarenta disciplinadas. Apercebido com este viatico partiu para Roma, aonde chegou em breves dias.

«Fr. João, lhe disse o Papa, temos ouvido fallar de tua piedade e das boas qualidades naturaes e humanas que te distinguiam quando ainda vivias no seculo. Ora, havemos de mistér um homem corajoso, prudente e dedicado a quem possamos confiar cartas de alta importancia. Queres tu ser o escolhido? Não quero occultar que, acceitando, vaes arriscar tua vida.»

— Santissimo Padre, respondeu o religioso, prosternando-se humildemente por terra, todo me entreguei a Jesus Christo, sem reserva alguma; sois o seu Vigario, mandae, eu obedecerei.»

— Muito bem, meu filho; nem outra coisa eu esperava de tua dedicaçãa e de tua piedade. Nós te confiamos uma carta para o imperador da Allemanha. Esta missão deve permanecer secreta; se ella fôsse conhecida, perderias a vida em alguma cilada, antes de haver transposto as fronteiras de nossos estados. Não obstante o rigoroso mysterio que ha de envolver tua partida e tua viagem, conta com perigos sem numero, occasionados pela difficuldade dos caminhos e sobretudo pela malicia dos homens. Nós te auctorisamos a defender-te com auxilio das armas temporaes, no caso de que sejas atacado. Poderás tambem, na tua qualidade de antigo diplomata, soccorrer-te da habilidade e até do ardil, contanto que nunca desliseis em mentira nem embuste, coisa que nunca jámais é permittida. Recebe Nossa benção; vae e apresta-te para partir, apenas recebas para isso as Nossas ordens.»

Passados tres dias estava Fr. João a caminho. As cartas pontificias fôram cuidadosamente escondidas no interior do seu capello, e o religioso fez juramento de as defender á custa de sua propria vida.

Nada singular lhe occorreu em quanto caminhou por terra italiana. Uns lhe pediam a benção, outros lhe atiravam pedras; umas vezes pernoitava ao relento, outras em pobre leito que a caridade lhe concedia; soffreu rigores do frio e do calor, jejuou mais do que exigiam as regras da Ordem; mas, como não se fizera religioso para gozar commodidades do corpo, como tinha uma consciencia pura, pernas robustas e liberdade de se conservar todo o dia em oração e meditação, Fr. João era bem feliz, e não houvera trocado o seu humilde capuz por um barrete de cardeal.

Logo que entrou em territorio allemão o bom do frade depressa se convenceu de que era bem verdade tudo quanto se dizia ácêrca da incuria e malignidade do imperador. Nem mosteiros e conventos hospitaleiros, como em Italia; nem sumptuosos templos, apinhados de fieis, atroando ao som dos hymnos sagrados, a enlevar o espirito com a dôce poesia da oração, do incenso e das flôres; nem os brandos arroios a serpear gemebundos e suspirosos, por entre verdejantes alas de frondoso arvoredo; nem sorridentes aldeias nem agrestes choupanas, alcandoradas pelas fragosas montanhas, ou semeadas á beira dos caminhos, ou perdidas pela espessura das florestas: só terras maninhas e incultas, campos devastados, casas a desmoronar-se; por toda a parte a desolação e o deserto, quadrilhas de bandoleiros, de mendigos, de salteadores.

Bem, pensou Fr. João: é o momento azado para fazer uzo da permissão do Santo Padre, recorrendo ás armas temporaes.» E preparou um formidavel bordão de carvalho, que lhe servia para se abordoar no caminho aguardando outros possiveis uzos.

Em breve chegou á margem d'um rio, que lhe tolhia o caminho. Como não via nem ponte nem barco de especie alguma, acercou-se de um pastor que alli perto vigiava uma duzia de ovelhas muito sêccas e mirradas, e perguntou-lhe que meio havia alli de transpôr a torrente.

— Ha uma boa ponte de pedra, respondeu o pastor, mas é d'aqui a umas quinze leguas; quanto a barcos, ou coisa que os valha, são completamente desconhecidos aqui. Os viajantes só pagavam aos barqueiros com injurias e pauladas, e por isso os barqueiros desertaram d'aqui; muitos deram em salteadores e outros fugiram.»

— E não haverá aqui perto um sitio onde seja vadeavel a corrente?

— Ha um, a uma hora de caminho, agua arriba, em logar onde o rio é mais

O Sagrado Cobação de Jesus

(Esculptura de J. Fernandes Caldas)

espraiado. Ainda assim, a agua é bem profunda e a corrente muito rapida, e porisso corre perigo de afogar-se quem não é bom nadador.

— E não me poderias indicar o sitio preciso onde é esse váu, de fórma que eu não possa enganar-me?

— Nada mais facil. Caminhando rio acima, vae dar-se com dois olmos enormes, plantados a distancia de 10 pés um do outro, e cujas raizes se estendem até banhar-se no rio; é ahi o váu. Collocae-vos exactamente no meio das duas arvores e entrae afoito na corrente, caminhando sempre em linha recta, sem vacilar nem desviar pé a qualquer dos dois lados. Se a corrente não tem mais que a rapidez ordinaria, e se não deslisaes nem para a direita nem para a esquerda, não havereis difficuldade em attingir a outra margem».

O religioso agradeceu ao pastor e pozse a caminho. Ao cabo de uma hora divisava os dois olmos, que lhe haviam sido indicados; mas viu ao mesmo tempo alguma coisa com que não contava e cuja presença lhe foi pouco agradavel. Infelizmente, era muito tarde para arripiar caminho.

Ao pé de um dos dois olmos, e apoiado ao tronco, estava em pé um curioso personagem, que olhava impassivel o deslisar da corrente, açacalando a durindana.

Sêcco, tisnado, desordenado e sujo no trajar, os cabellos n'uma brenha, barba em desalinho, todo aquelle exterior inculcava um salteador. Voltou-se, como a impulso de possante mola, ao ruido dos passos de Fr. João, encaminhou-se para elle e travou-o pelo pescoço, dizendo em modo brutal:

«Frade, d'onde vens?

— Venho de meu convento, volve humildemente o religioso.

— E para onde vaes?

— Para o convento de minha ordem que fique mais perto.

— Teu convento ha de ser da outra banda; e eu tambem lá tenho que fazer, por isso iremos ambos. Tu vaes tomar-me ás tuas costas e assim me levarás, tendo cuidado em me não deixar molhar, porque eu detesto a agua.

— Mas isso é gracejar, senhor viajante? — volveu o frade.

— Sabe, vilão tonsurado, que eu nunca jámais gracejei. Juro pelos cornos do diabo: ou tu me levas ás costas, ou eu te racho de meio a meio com a minha durindana.»

Além do formidavel espadagão, o meliante cingia tambem uma adaga bem respeitavel, não fallando já no capacete de cobre, e n'uma pelle de bufalo que lhe protegia quasi todo o corpo A móca de carvalho era pois insufficiente; o religioso conheceu logo a necessidade impreterivel de occultar o guerreiro para ceder o logar ao diplomata. Demais d'isso, os meios violentos repugnavam a seu coração bom e pacifico, e formára a resolução de não os empregar senão nos casos extremos.

«Irmão, disse para o bandido, não conheço este váu, e disseram-me que elle é bastante perigoso. Se teimas em levar por deante o teu designio, corremos perigo de nos afogarmos ambos. Deixa-me ir sósinho, que depois virei por ti; e, se não fias de minha palavra, eu irei deante, e tu me seguirás sobre os meus passos; ou, se te apraz, caminharemos par a par, ajudando-nos reciprocamente, como devem de fazer dois homens de bem, dois bons christãos.»

— Birbante! vociferou o terrivel bandoleiro; já disse que me has de levar ás costas, e é para já, e basta de palavras inuteis.»

Tomou a adaga entre os dentes, saltou aos hombros do religioso, e, accomodando-se o melhor que pôde, bradou:

«Caminha, se não queres que tua cabeça pelada experimente o aço de minha adaga.»

O mensageiro do Papa recommendou sua alma a Deus e entrou no leito do rio.

Comquanto não fôsse nenhum gigante, como S. Christovão, Fr. João era, ainda assim, d'uma força bem respeitavel. A principio as coisas correram bem; mas, ao chegar-se a meio do rio, começou a perder o pé e a sentir-se arrastar pela corrente. Em tão arriscada conjunctura, importava sobremodo não perder o sangue-frio.

«Irmão, diz para o bandido, com uma transparente ingenuidade e em tom de conversa: trazes dinheiro comtigo?

— Não tanto como eu queria, meu fradalhão, mas ainda aqui vão alguns ducados.

— Ai, grande Deus! exclama o religioso; e S. Francisco, meu seraphico Pae, que me veda trazer comigo dinheiro!...

E dizendo isto, sacudiu á corrente o

atrevido meliante, e começou a nadar vigorosamente.

Bastaram poucos minutos para attingir a terra; chegando alli volveu atraz o olhar, e viu o arrogante salteador debatendo-se furiosamente contra a força da corrente e vociferando gritos de desespero como um possêsso.

«Coragem, irmão, aconselhava o bom do frade; desembaraça-te do capacete, da adaga e da durindana e lança-te afoito a nadar.»

O bandoleiro seguiu o caritativo conselho e prestes alcançou a terra. O franciscano julgou inutil aguardar a sua chegada; tomou por aquelles campos além seguindo o caminho mais curto, e em pouco tempo interpoz uma distancia rasoavel entre o burel do seu habito e a pelle de bufalo d'aquelle veterano da rapinagem e da ladroice.

O frade não ignorava que o rio ha pouco atravessado, demarcava uma região particularmente perigosa a quem era o portador de uma carta do Papa ao imperador. Reinava alli um d'esses bispos da idade média, simultaneamente principes e pontifices, soberanos espirituaes e temporaes. Otto, que assim se chamava elle, commettera o grave delicto de deixar-se nomear bispo só pelo imperador, sem intervenção do Papa. Como este ainda não reclamára publicamente, o intruso não era um schismatico formal, comquanto não estivesse longe d'isso. Como quer que fôsse, era prudente para o mensageiro do Papa deter-se o menos possivel nas terras do principe-bispo. Accelerou, portanto, o passo, viajando de noite o mais que podia, evitando os caminhos frequentados e repousando ao relento, sobre a terra dura, para não sujeitar-se aos azares que podia trazer comsigo o pernoitar em casa habitada.

Todos estes sacrificios, porém, não puderam occultal-o ao homem a quem elle com tanto empenho queria evitar.

Por um calmoso dia de verão, Fr. João exhausto de fadiga e morto de fome e sêde, resolveu-se a sollicitar caridosa hospitalidade em uma bella e esplendida quinta que ficava muito perto do caminho. Era precisamente a casa de campo do senhor Otto, que alli se encontrava então, com outros senhores, seus amigos e familiares. A companhia entretinha-se então conversando á sombra do magnifico arvoredo do parque, quando appareceu o franciscano.

«Senhor Otto, disse a sorrir um barão, homem ainda de pouca idade: ahi vem um religioso a mendigar. Ia jurar como elle vem recommendar-se a vosso caudatario ou a vosso mordomo.»

— Pois bem, meu caro barão, bem vindo seja elle, que não nos ha de exgotar a dispensa nem seccar a adega.

— Sem duvida, senhor bispo; mas creio que vosso bello vinho branco do Rheno, é muito delicado para a garganta d'esse *cantador de matinas;* agua fresca da fonte é o que mais lhe convém.»

O barão tomou um dos vasos que acabavam de ser esvaziados, encheu-o de agua e cerrou-o cuidadosamente. Fr. João estava apenas a alguns passos. Pelo rir e cochichar dos nobres senhores, adivinhou elle, que pertendiam divertir-se á custa de sua ingenuidade. Approximou-se, cortejou respeitosamente o bispo e os demais senhores; e ia abrir a bocca para fazer o seu pedido, mas o barão, anticipando-se graciosamente, disse-lhe:

«Irmão, bem me parece que vens muito gasto de forças e queimado do sol e da sêde; bebei uma taça de generoso vinho do Rheno, entrementes que se vos prepara mais abastecido jantar.

O manhoso barão tomou a botelha, anteriormente prevenida para o intento, e derramou todo o conteúdo em uma grande taça de prata, que estendeu ao frade. Ora a botelha era de crystal, e por consequencia transparente. E demais Fr. João, emquanto no seculo, muitas vezes bebera vinho do Rheno, para não lhe saber muito bem a côr e o aroma.

Aquella taça de agua fria não era de molde a illudir a sua perspicacia.

E' muito bom ter feito voto de pobreza e humildade, e ser um santo religioso; mas isto não é razão para que um desattencioso obrigue a tragar meio litro de agua pura postoque em taça de prata, a um desgraçado, que acaba de fazer doze compridas leguas sobre as duras solas d'umas pobres sandalias, e com o corpo alagado em suór.

O religioso tomou a taça que lhe apresentavam, e, inclinando-se respeitoso ante o prelado disse:

«Senhor bispo, dignae-vos, por mercê, de abendiçoar este nectar.»

O bispo excusou-se de o fazer; mas, a novas instancias do religioso, acabou por

annuir, formando com a mão o signal da cruz sobre o copo. Então Fr. João estendeu-o a um pagem que alli se achava, e lhe disse:

«Senhor pagem, levae isto á capella, á pia da agua lustral; porque os frades menores não uzam beber agua benta.»

Esta sahida inesperada fez rir ao bispo e aos da sua companhia e valeu ao monge um copioso jantar, de que elle, em boa verdade, tinha grande mingua. Fizeram-lhe muitas perguntas embaraçosas e difficeis ácêrca do intuito com que fazia aquella viagem; mas elle pretextou a sua fadiga extrema, e retirou-se ao confortavel aposento que lhe destinaram para passar a noite.

Após algumas horas de somno reparador, o mensageiro do Papa acordou e entrou de perguntar a si mesmo se não seria imprudente demorar-se mais tempo em casa do senhor Otto. Não viriam interrogal-o de manhã? E o bispo contentar-se-ia por ventura com a resposta banal, até alli dada aos indiscretos e aos curiosos: — «venho de meu convento, e vou para o mosteiro de minha ordem que fique mais proximo?»

Resolveu partir-se logo d'alli, sem mesmo se despedir. O escuro da noite era cerrado, e o franciscano, é bem de vêr, não conhecia o interior do palacio episcopal. Depois de muitos rodeios e apalpadellas, deu por fim em uma galeria, com janellas para o parque. Abrir uma d'essas janellas, saltar por ella e deitar a correr ao longo do muro, pelos verdes taboleiros de relva, foi obra de pouco tempo e de menos trabalho ainda. Faltava apenas transpôr os muros do parque.

Emquanto o mensageiro do Papa ia procurando logar a proposito para o fazer, salta-lhe, ladrando, um enorme e terrivel molosso. Era o momento de servir-se das armas temporaes; e o nosso frade manejou tão habilmente o seu bordão, que pôz o cão fóra do combate. Passados minutos achava-se alfim fóra do parque, em pleno campo, e dava principio a sua oração da manhã.

Correu depois uma semana, sem aventuras notaveis. Fr. João estava apenas a 30 leguas de Vienna. Esperava chegar em breve á residencia imperial, quando as pernas começaram de recusar-lhe todo o serviço. Foi obrigado a deter-se e a procurar abrigo em uma casa isolada, onde se recolhia, em suas caçadas, um grande senhor allemão, com os da sua comitiva. Ahi se demorou tres dias, entregue sempre a bem tristes reflexões. Oh! se elle tivesse então alli o pobre jumentinho cinzento do seu convento de Perusa!

Mas a Providencia acudiu em seu soccorro e deparou-lhe outra cavalgadura muito mais a proposito. Um velho creado veio ter com elle á bocca da noite, e em ar mysterioso, lhe contou o seguinte:

«Meu irmão: o mundo vae, de dia para dia, a peór; já se não respeita a Deus: como se hão de honrar os seus servos? Ora ouvi a tramoia que vos está armada: hontem discutiu-se aqui muito ácêrca de vossa pessoa. Pretendem muitos que sois um espia italiano; convencionou-se em que ámanhã virão insistir convosco para levar-vos a uma caçada; ahi vos darão um fogoso corcel, que muitos destros cavalleiros tem cuspido de si, e que nem os mais atrevidos ousam montar. Procurae escusar-vos e frustrar o ardiloso plano concebido por estes descridos. Em verdade, mal pago ficareis com uma quéda ridicula, em que até podereis perder a vida.»

— E' então um cavallo indomavel? perguntou Fr. João.

— Em boa verdade vos affirmo que assim é. E tão terrivel que lhe chamam o *diabo*.

— Santa Maria bemdita! Eu te dou graças, meu filho, por essa tua caridade. Um homem advertido vale por dois; serei prudente. E agora retira-te sem ruido, e deixa-me fazer minhas orações, nas quaes te caberá uma boa parte.»

Ao outro dia vieram, com effeito, os nobres senhores, e convidaram Fr. João a acompanhal-os na montaria ao veado e ao javali. Em vão objectou elle que tal não ia bem a seu caracter, nem ao decoro de seu habito; responderam-lhe que Santo Huberto fôra tambem caçador.

«Mas, accrescentou elle, sou em extremo exhausto de fadiga.

— O ar puro dos montes e o exercicio moderado vos farão bem. Demais, não são raros, na caça, os accidentes perigosos, por onde não será impertinente a presença de um religioso, prestes a acudir á primeira voz».

Em summa: foi mistér ceder.

Lá appareceu o indomavel corcel, es-

plendidamente ajaezado e sellado, e prestes a receber o cavalleiro. O *Diabo* não tinha apparencia má. Precisamente um dos caprichos do animal era deixar-se montar docilmente, e só dar em fazer cabriolas quando já sentia o cavalleiro sobre o dorso. Fr. João fôra em tempo um cavalleiro consummado, o que bem lhe valeu agora. Mal que trepou á garupa do arteiro quadrupede, começou este a empinar-se, pondo-se em pé sobre as patas de traz, como um urso que faz exercicio. Forçado a deixar esta posição, pouco natural aos individuos de sua raça, entrou a escoicear raivoso e furibundo ; em seguida escondeu a cabeça entre as mãos, e começou a correr á desfilada.

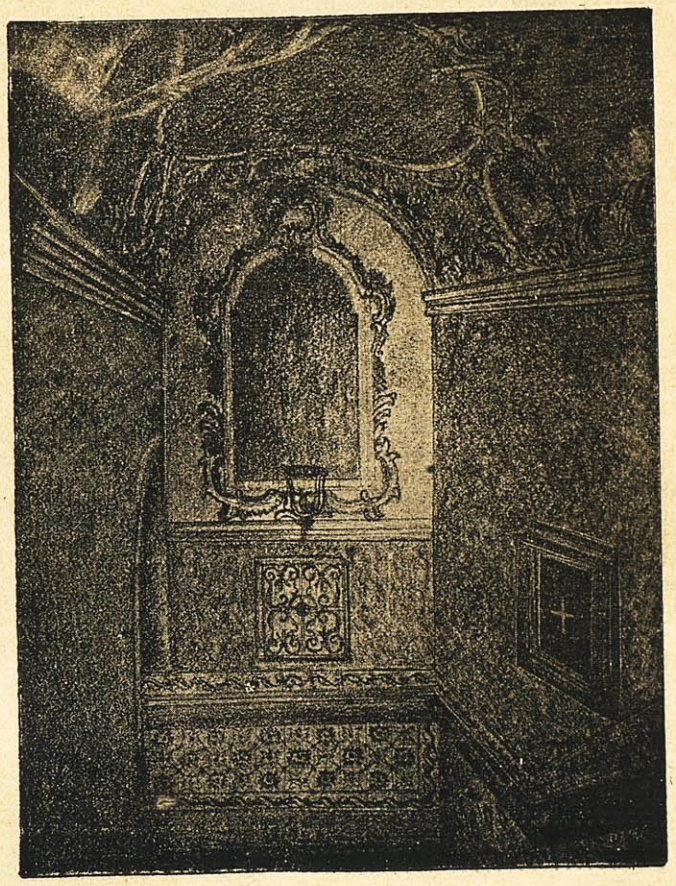
O cavalleiro mantinha-se firme na sella, mas o *diabo* julgou vingar-se precipitando-se contra uma arvore com tanta furia, que, a não ser a consummada pericia de Fr. João, cavalleiro e cavallo iam ficar alli despedaçados.

Os caçadores, maravilhados d'aquelle sangue-frio e habilidade do frade, applaudiam phreneticamente. Mas não era para conquistar aquelles applausos que o religioso se prestava assim a um exercicio de equitação transcendente. Por meio d'uma ingenhosa manobra de habilissima estrategia, fez volver a cabeça do animal em direcção á extensa avenida de sobreiros e carvalhos seculares, que ia desembocar ao caminho, e, esporeando o ginete, disse:

«Adeus, meus senhores; ficae-vos embora, que o *Diabo* me leva.»

Correu 15 leguas sem afrouxar a marcha. Repousou algumas horas, e, andadas outras 15 leguas, estava ás portas de Vienna.

Importava que o imperador recebesse em pessoa as cartas do Papa, a fim de que não podesse pretextar ignorancia. Era necessario tambem que o Soberano Pontifice ficasse certo de que a mensagem chegára ao seu destino. Eis o estratagema de que Fr. João se soccorreu: o imperador devia assistir á Missa na Cathedral ; o franciscano, graças a sen habito, que arredava d'elle qualquer suspeição, entrou na egreja e chegou mesmo até junto do throno preparado para o principe. A carta foi collocada sobre o genuflexorio imperial, e foi o primeiro objecto sobre que se fixaram os olhos de Sua Magestade Apostolica.



CRUZ ABERTA NA PEDRA POR SANTO ANTONIO, FUGINDO A UMA TENTAÇÃO DIABOLICA

Como Fr. João viu o precioso pergaminho nas mãos do soberano, e notou a impressão de colera e despeito, produzida pela leitura das primeiras linhas e da assignatura, que firmava a carta, foi-se coando sorrateiro por entre os fieis, até sahir da egreja ; retomou o caminho de Roma, aonde chegou exhausto de fadiga e cançaço, mas são e salvo. Deu conta de sua missão, recebeu a benção do Papa e volveu a acolher-se ao remanso de seu convento de Pe-